



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MAGDA BURGER RIVE**

**(depoimento)**

**2005**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias  
**Número da entrevista:** E-48  
**Entrevistado:** Magda Burger Rive  
**Nascimento:** Não informado  
**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS  
**Entrevistadores:** Karine Dalsin e Renato Trusz  
**Data da entrevista:** 10/03/2005  
**Transcrição:** Camile Romero  
**Conferência Fidelidade:** Camile Romero  
**Copidesque:** Karine Dalsin  
**Pesquisa:** Vicente Cabrera Calheiros  
**Fitas:** (01 fita) 48/01-A e 48/01-B  
**Total de gravação:** 60 minutos  
**Páginas Digitadas:** 25  
**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel  
**Número de registro:** 01967/2008/01  
**Número de registro da fita:** 01967/2008/01  
**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

RIVE, Magda Burger. *Magda Rive (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

## **Sumário**

Início do envolvimento com o vôlei, com o basquete; participação em clubes; desistência da prática do esporte; apoio da família; visibilidade da mídia, do público; competições: apoios financeiros; período como treinadora: dificuldades, infra-estrutura; participação nos Jogos Abertos Femininos: visibilidade, apoio, mudanças, rivalidades; vida social nos clubes; convocações para a seleção Brasileira; envolvimento com a SOGIPA; campeonato brasileiro.

Porto Alegre, 10 de março de 2005. Entrevista com Magda Burger Rive, a cargo dos entrevistadores Karine Dalsin e Renato Trusz, para o projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Magda, eu começo te perguntando como é que tu começaste a praticar esporte?

M.R. – Eu comecei jogando na minha terra, a terra que eu nasci, Taquara<sup>1</sup>, quando eu era estudante, a gente fez um time do colégio e depois cada um foi pro seu lado, e eu vim para Porto Alegre<sup>2</sup>. Aí fui jogar em um clube que tinha na época que eu fui convidada: o Piratas<sup>3</sup>, que era um clube carnavalesco, que tinha uma quadra ali na João Alfredo<sup>4</sup> com a República<sup>5</sup>. E depois eu passei para a SOGIPA<sup>6</sup>, a convite também, passei para a SOGIPA e onde eu fiquei, onde eu fiz a minha carreira esportiva.

K.D. – Que modalidade tu começaste?

M.R. - Sempre voleibol.

K.D. – E tu lembra em que período tu começaste a jogar, mais ou menos em que década?

M.R. – Quando a gente fez o timezinho lá em, na minha terra, do colégio, eu tinha 15 anos. E em seguida, no mesmo ano eu vim para Porto Alegre. Dali eu acho que com 16 anos eu fui jogar no Piratas e mais um ano depois, devia ter uns 17 anos quando eu fui pra SOGIPA. Vim para SOGIPA, fiquei no banco muito tempo. Um ano inteiro, mas depois fui titular e durante muitos anos fui capitã da equipe, fiz parte da seleção e tinha o basquete também que eu jogava. Que foi depois. Não sei se tu quer que eu fale sobre isso agora?

K.D. – Pode nos falar.

---

<sup>1</sup> Cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul, localizada a 72 km da capital

<sup>2</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>3</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>4</sup> Rua do bairro Cidade Baixa em Porto Alegre

<sup>5</sup> Rua do bairro Cidade Baixa em Porto Alegre

<sup>6</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre, em 1942.

M.R. – É da turma que jogava voleibol, se fez um time um time de basquete feminino, que todo mundo fez assim, os outros clubes também fizeram isso. O pessoal que jogava vôlei passou a jogar basquete feminino, para ter um campeonato em Porto Alegre. E foi aí que eu fui jogar basquete com 20 anos de idade e minha mãe furiosa, porque dizia que aquilo não era esporte para mulher. E aí eu sei que depois de muito convencer, com 20 anos. E depois de muito, do presidente do clube conversar com ela, ela deixou que eu jogasse, mas era só para ir no campeonato brasileiro. Com aquilo eu fui convidada para jogar no campeonato brasileiro. E aí ela disse que eu não ia. E aí ela consentiu, que eu nunca tinha ido para o Rio. Ela consentiu e aí ela disse assim que era a última vez. Que eu ia fazer a viagem, voltava e acabava, que se eu quisesse ir jogar vôlei só. Aí depois deu tudo certo, eu joguei bastante tempo.

K.D. – E o restante da tua família?

M.R. – Tudo, por eles tudo legal. A mãe que era contra. Achava que o basquete era muito bruto. Aquilo não era esporte para mulher. O vôlei, ela achava bonito.

K.D. – O basquete feminino em Porto Alegre, ele começou a ser praticado depois do vôlei?

M.R. – Em matérias que eu li, porque eu fiz a história, ajudei a fazer a história dos 100 anos da SOGIPA, e tem coisas muito antigas que mostram que a SOGIPA já teve basquete feminino, e outras equipes também tiveram equipe de basquete feminino, mas não foi muito longe. E eu tenho a impressão de que esse campeonato que começou em 1954 e terminou em 1962, foi o que foi mais longo, que foi o mais forte. Que é onde a gente participou de vários campeonatos brasileiros. Porque quando a gente foi, para o Rio, por exemplo, foi o primeiro campeonato brasileiro, eu nem as regras de basquete sabia. A gente chegou no Rio de Janeiro para inaugurar o Estádio Caio Martins<sup>7</sup> naquela época. Foi em 1955. O estádio lotado, lotado, e a gente não queria entrar em quadra porque não sabia, nem sabia direito as regras do basquete. E o treinador, muito rigoroso, ele perguntava, ele fazia uns esquemas assim bem complicados. E aí: “Entenderam?” “Entendemos!” Não entendia nada. E a gente perdeu de todo mundo. Não sabia nada, tinha gente que chorava,

tinha gente que saia fora da quadra e pedia a bola, já tava lá do lado da arquibancada e pedia a bola. Teve uma que chegou e viu o ginásio com as tabelas de vidro, e nós não estávamos acostumadas com aquilo. As tabelas aqui, tudo, em qualquer lugar era de madeira. E lá nesse estádio, como ele era muito moderno e tava sendo inaugurado, quando a guria viu que era de vidro ela foi perguntar pro treinador se podia bater com força a bola, se não quebrava aquilo. Imagina como é que a gente foi jogar. Mas depois foi tudo bem, até que a gente trouxe o campeonato pra Porto Alegre. Nunca sei por que saiu o campeonato em Porto Alegre. Não tinha ginásio fechado. Então nós fomos jogar na quadra aberta da SOGIPA, na época, que era de cimento, não tinha quase arquibancada. Aquilo lotou, não entrava mais ninguém, não tinha a mínima condição. Perdemos de todo mundo! Aqui o pessoal estava tudo nos xingando, que nós tava jogando lá que não sabia jogar, que perdia de todo mundo. Olha, o que a gente passou. Mas eu sei que a gente foi em frente até conseguir um vice-campeonato brasileiro. Foi muito legal. Eu fui convocada. Eu sempre era a cestinha. Sempre era a cestinha. E fui convocada quatro vezes para seleção. Eu nunca fui, fui uma vez. Treinei um mês no Rio<sup>8</sup>. Mas eu não tinha preparo físico. O treinamento era de manhã, de tarde e de noite. Eu fazia o da manhã e eu já não conseguia mais nada. Eu já não podia mais. Emagreci quatro quilos. E eu não era assim, eu era um fiozinho assim. Eu era a única que podia tomar água, porque o médico olhava para mim e achava que eu ia desmaiar. Porque eu suava, suava, suava, estava 40 graus. E chegou depois de um mês assim de treinamento, eu de noite cheguei pra ele, disse que eu tinha desistido, que eu não agüentava mais. “Ah, porque não sei o quê, porque é a tua chance...” [vento] Aí, em 1962 nós fomos a um campeonato na Bahia<sup>9</sup>, campeonato brasileiro, e a gente tirou o terceiro lugar. Acho que foi o terceiro lugar. E eu entrei como vice-cestinha do campeonato. E olha, tudo gente de seleção brasileira que tava ali! Aí fui convocada de novo. Aí eu disse: “Ó, pode tirar o meu nome, porque eu não vou, eu vou parar com o esporte, eu não quero mais”. Perguntaram se eu tinha alguma coisa contra a seleção. “Eu não tenho nada contra. Só que, eu não quero, eu to largando o esporte”, porque se a gente não atendesse a convocação, a gente tinha que provar por alguma coisa o motivo porque não estava indo, porque se não eu seria punida ou o clube. Mas como eu tava largando mesmo... Eu sempre pensei assim: “Eu gosto tanto de praticar esporte, que quando eu ficar velha, e não puder

---

<sup>7</sup> Estádio pertencente ao governo do estado do Rio de Janeiro, entretanto, está sob concessão ao Botafogo de Futebol e Regatas

<sup>8</sup> Rio de Janeiro, cidade Brasileira

<sup>9</sup> Estado Brasileiro

mais jogar, vai me dar um desespero, eu não vou saber o que fazer”. Então, no auge da minha carreira, tanto de vôlei como de basquete, com 27 anos, eu larguei porque eu não agüentava nem calçar tênis mais. De tão enfarada, eu não sei se é porque eram dois esportes ao mesmo tempo. Naquele tempo se fazia isto, e às vezes a gente ainda fazia atletismo, que... Era muita coisa. Então foi assim, o meu começo e o meu fim.

K.D. – Algum motivo especial para ter escolhido o basquete e o vôlei, essas duas modalidades?

M.R. – O vôlei porque é como eu te disse foi no colégio, no colégio lá no interior do estado. E era o que se jogava. E o que eu sabia do vôlei era o seguinte. Eu não sabia que um passava a bola, o outro tinha que levantar e o outro tinha que cortar. Eu não sabia. A gente jogava assim, até para trás, sabe? Porque não tinha, não tinha professor pra ensinar isso. E nós jogava pra cá, joga pra lá, e se pode larga a bola para o outro lado. Não tem problema. Eu fui aprender isso no Piratas, que era um clube assim, pequeno, que aí começaram a ensinar como é que a gente cortava, como é que a gente pulava, como é que levantava. Aí que eu fui aprender. Mas era um esporte que mulher podia fazer, ainda mais no interior. E o basquete foi uma tentativa de fazer basquete feminino e tirar da onde? Tirava do vôlei. Que já tinha alguma experiência algum traquejo, alguma coisa assim...

K.D. – Na tua opinião por que o vôlei era visto assim como um esporte adequado para as moças praticarem?

M.R. – Mas sempre foi. O voleibol feminino. Sempre. O Voleibol sempre foi assim o esporte mais, até hoje é assim. É o mais bacana. Se tu perguntar por aí, não para as atletas, mas para quem tu vai falar em handebol, tu vai falar em... É o contato físico. Porque o problema é assim, esses esportes que tem contato físico são bem mais perigosos. No basquete, várias vezes... Eu levei uma vez, na véspera de viajar pro Rio - nunca tinha viajado na minha vida - uma colega minha, a Guizla<sup>10</sup> deu um cotovelaço aqui. Precisava ver o jeito ficou o meu rosto, o meu olho ficou escuro de sangue. E eu passei o tempo todo no Rio de óculos escuro. Isso foi a minha primeira viagem. E fora, ruptura de ligamento do pé, tudo foi no basquete. E é mesmo, porque é o contato físico. E todo o esporte de contato

físico é isso. O voleibol tem uma rede no meio. Pode só é deixar virar um pé, um dedo torto.

R.T. – Tu tinha comentado do basquete, que foi criado, no caso, uma equipe no clube. Mas vocês eram convidadas ou havia uma espécie de cobrança por parte do clube para vocês entrarem?

M.R. – Não, eles convidaram e todo mundo gostou.

R.T. – Ah, gostou da idéia.

M.R. – Todo mundo gostou. Menos a minha mãe. Todo mundo adorou: “Oba! Nós vamos jogar basquete”. Porque o basquete masculino tava muito em voga. O basquete masculino enchia qualquer ginásio em Porto Alegre. Participava Grêmio<sup>11</sup>, Internacional<sup>12</sup>, Cruzeiro<sup>13</sup>, SOGIPA, Petrópolis<sup>14</sup>, União<sup>15</sup>. Aí quando se falou basquete feminino nós já, a gente... Todo mundo gostou. De início foi difícil, mas depois foi legal. Mas que todo mundo gostou. E tinha outras pessoas que apareciam de outros esportes também. Tinha gente que vinha da esgrima, tinha gente que vinha não sei da onde, porque naquela época se costumava praticar vários esportes. A gente trabalhava o dia inteiro, e de noite a gente vinha para o clube, que era ali na Alberto Bins<sup>16</sup>. E pensa que alguém sentia cansaço? Eu trabalhava atrás dum balcão. Até as sete horas da noite eu trabalhava atrás dum balcão. E chegava aqui não via a hora de começar a jogar, a treinar. A gente queria era jogar. Hoje em dia. Quem, quem quer, quem quer ser boa num esporte vai ter que se especializar.

R.T. – Tu comentas muito a respeito da tua mãe. Tu és filha única?

M.R. – Não, tenho uma irmã.

---

<sup>10</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>11</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903

<sup>12</sup> Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909

<sup>13</sup> Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 14 de julho de 1913 em Porto Alegre

<sup>14</sup> Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941

<sup>15</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade), fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

R.T. – Uma irmã mais nova, mais velha?

M.R. – Mais velha.

R.T. – Então tu eras a caçula.

M.R. – Era a caçula.

R.T. – Mas, e como é que funcionava para eles te liberarem para as viagens. Tinha uma...

M.R. – Porque existe uma lei. Eu sempre contei com a boa vontade dos meus chefes. Mas existe uma lei, não sei se existe ainda. Deve existir agora, porque que podia liberar desde. Então nunca tive problema nisso aí. Sempre me deram licença. Todo mundo trabalhava.

R.T. – A família deixava também?

M.R. – Ah, a família... A minha mãe depois que viu que eu comecei a dar certo no basquete não perdia treino. Meu Deus, brigava porque, ah, mas ela ficou fanática. Mas de início, de início ela achou que eu ia morrer se eu fosse jogar basquete. Parecia que eu tava dizendo que eu ia jogar futebol. Porque futebol na época, nem pensar. Hoje já tem futebol feminino.

K.D. – Me diz uma coisa, tu lembras em que ano tu vieste para Porto Alegre?

M.R. – Viemos, mas se eu não vou me lembrar? Quatorze de dezembro de 1950. Eu vim para cá apavorada. A gente tinha tudo. Na minha terra, que é Taquara. A gente tinha tudo, bem situada socialmente, tudo. E com quinze anos, não é que nem hoje. Com quinze anos eu era uma criança, que hoje em dia corresponderia ao que? Acho que nem doze anos. As gurias de doze anos aí já tão namorando. Eu tava subindo em árvore. E aí a situação financeira ficou braba, o pai perdeu tudo. E a gente veio de qualquer jeito. E eu não sabia nada, eu vinha aqui trabalhar na Casa Lira<sup>17</sup>, vocês eu acho que não sei, mas na Casa Lira

---

<sup>16</sup> Rua do centro de Porto Alegre

<sup>17</sup> Antiga loja de Porto Alegre

no tempo da Andradas<sup>18</sup>. E dezembro assim de gente. Me botaram no setor de meias, meia de náilon. E eu nem sabia que existia meia de náilon. Nem sabia que meia tinha número, eu não sabia que meia desfiava fio. Sabe? Eu não sabia de nada. Se eu tivesse sido preparada para sair, tipo assim: “Tá, agora está na hora de eu sair da minha terra, vou para lá”. Não tinha. Eu chorava os dias inteiros. Eu e a minha irmã. Era, era, era se esconder no banheiro para chorar.

K.D. – E como é que tu chegaste a SOGIPA?

M.R. – A SOGIPA foi o que eu que eu falei antes. Eu fui... Alguém me convidou, eu estudava de noite quando eu trabalhava, alguém me convidou para ir no, no Piratas. No Piratas eu joguei um ano. E aí aprendi tudo. Tudo. Como é que se jogava o voleibol realmente. E aí eu comecei a aparecer como atleta. E me convidaram da SOGIPA para mim, para mim ir jogar na SOGIPA.

K.D. – Não tiveste que te associar?

M.R. – Não. Eu entrei como atleta e fiquei um ano no banco. De reserva. E depois eu fui sempre titular, capitã da equipe e sempre seleção gaúcha.

K.D. – Eu vou voltar um pouquinho na questão da Educação Física Escolar.

M.R. – Sim.

K.D. – Disseste que tinha oportunidade de praticar vôlei. Como é que era a Educação Física Escolar?

M.R. – Sabe que eu não me lembro? Faz tanto tempo? Mas eu acredito o seguinte, que era tipo assim, vocês já ouviram falar em caçador?

R.T. – Sim.

---

<sup>18</sup> Rua do centro de Porto Alegre

M.R. – A gente jogava caçador e era bom.

K.D. – Separados meninos e meninas?

M.R. – Eu não me lembro. Eu estudei naquele ginásio adventista ali, que fica na estrada para Taquara, que é misto. E depois estudei num colégio de irmãs. Mas era misto também. Eu não me lembro, eu acho que era separado. Eu não me lembro. Não, no colégio adventista era junto, era junto. Mas e o gozado disso é o seguinte, que eu sempre matava as aulas de Educação Física. Eu não sei por que matava. Mas tinha vontade de entrar nas partidas que eles faziam depois da Educação Física. Ah, não me lembro, eu nem prestava atenção. Eu não queria saber daquilo ali. Mas quando eles faziam aquelas ‘peladas’ de vôlei assim, eu queria estar junto. Mas aí não me queriam. Eles eram mais velhos que eu, e eu ia só atrapalhar. Aí eu não me interessava, aí eu matava aula.

K.D. – Eu te pergunto no sentido de saber...

M.R. – O que era feito?

K.D. – O que as mulheres faziam de modalidades físicas, de atividades físicas?

M.R. – Eu não me lembro. Atividades? Nenhuma. Era parado. Essa equipe de vôlei, que a gente fez um campeonato em Taquara, foi o primeiro que foi feito lá. Não sei até por quem. Os professores de lá organizaram, ofereceram medalhas e tudo, mas a gente nem sabia jogar voleibol. Eu me lembro que a gurizada jogava muito futebol na hora do recreio e na hora também da Educação Física. Mas a gente achou que não fazia nada, fazia talvez uns movimentos, umas coisas fácil, ou jogava um caçador.

K.D. – Bom, já aí voltando à questão da SOGIPA, nos conta um pouco do público que assistia as competições de vocês, como eram estas competições?

M.R. – Mas foi bom tu falar isso. Porque hoje em dia talvez pela televisão, não sei. Mas hoje em dia é muito difícil tu lotar um ginásio. Naquela época os ginásio estavam sempre lotados. Aqui, esse... No atletismo aqui da SOGIPA, a gente vê a imensidão desse... O

máximo que enche é ali perto dos vestiários. Isso aqui tudo estava cheio. Eram competições para ver quem é que ia bater o recorde, qual era o atleta do Cruzeiro que iria vencer, o rival que era do Grêmio, o do Grêmio e do Inter, da SOGIPA. Tinha os jogos abertos aqui da Folha da Tarde<sup>19</sup>, sempre cheio. E os jogos de vôlei e basquete sempre cheios! *Sempre cheios!* Às vezes nós fazíamos a preliminar, e sempre cheio. Até porque participavam destes campeonatos, Grêmio e Internacional. E isso trazia muita rivalidade. E no feminino tinha Grêmio e Internacional também. E a gente jogava. A gente jogava lá no Inter, jogava ali nos Eucaliptos na época. Enchia. Aí a gente ia jogar no Grêmio, o Grêmio não tinha ginásio, era ali onde é as piscinas agora. Dava cada briga, cada briga e os caras do futebol iam se meter lá para torcer e dava cada briga. *Sempre cheio!* Se depois vocês olharem os recortes vocês vão ver, a promoção em cima desses jogos e o ginásio lotado. E não tinha um ginásio muito grande, depois sim que o União fez, depois o ginásio da Brigada ali que foi feito por causa da Universidade<sup>20</sup>, e o Grêmio até hoje não tem ginásio porque caiu, quando iam inaugurar, caiu o teto do ginásio lá. Não sei o que houve. E a SOGIPA que fez o pombal. Que eles chamavam de pombal que era um negócio de zinco uma coisa assim só, mas quebrava o galho, porque se a gente tinha que treinar no frio e na chuva. Mas era muito, e nos jornais era muita promoção em cima dos jogos. No outro dia, no outro dia dava, assim como fazem com o futebol agora, no outro dia dava a cotação de cada atleta quem jogou bem, quem é que jogou mal, hoje em dia a gente não sabe nem das partidas hoje em dia.

K.D. – Os jornais que mais apoiavam?

M.R. – Na época era a Folha da Tarde, era o Correio do Povo<sup>21</sup>, depois tinha a Folha Esportiva<sup>22</sup>, que era da Caldas Júnior, depois tinha o jornal A Hora<sup>23</sup>. Eram esses aí. Só que não tinha a televisão para divulgar. Não tinha nada.

K.D. – E, para ter todo este apoio, qual era o incentivo financeiro que tinha para realizar

---

<sup>19</sup> Pertencente ao Jornal Correio do Povo

<sup>20</sup> Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universidade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

<sup>21</sup> Jornal de Porto Alegre, fundado em 1º de outubro de 1895

<sup>22</sup> Pertencente ao Jornal Correio do Povo

<sup>23</sup> Jornal de Porto Alegre

estas competições, para montar as equipes?

M.R. – Nenhum. Ninguém ganhava nada, pelo contrário, a gente às vezes no início a gente tinha que entrar com a roupa. A gente fazia um calçãozinho para jogar, uma blusa branca, que era o caso da SOGIPA, um calção preto e o distintivo que a SOGIPA nos dava. Então a gente bordava, costurava o distintivo e ia jogar. Tênis a gente comprava. Mas não era tênis que nem esses aqui agora. Eram uns Conga, umas coisas horríveis. Todo mundo anda ruim da coluna. E depois que a gente jogava a gente tinha que lavar a blusa, a gente tinha que levar para lavar tudo. A gente tinha que tirar de novo o distintivo para não manchar. E quando tinha outra partida, tudo de novo. Depois, mais tarde que eles começaram a dar um lanche para o pessoal nos jogos, e começaram a dar os uniformes. Eu quando entrei de treinadora, eu botei na minha cabeça que a minha equipe ia ter tudo aquilo que eu não tive. Tipo assim, um bom abrigo, um bom uniforme, elas vão receber lanche, elas vão ter uma condução para levar em casa de noite, porque não pode ir daqui a pouco sozinha, tarde da noite ir para casa. A época era outra. E eu sei que eu sempre procurei fazer para minha equipe que eu treinei, porque eu joguei até 1962 e não quero mais saber de esporte, em 1963 fiquei parada aí eu comecei a sentir falta. Eu sentia falta, mas não sentia falta de jogar. Eu sentia falta do meio. Como eu sabia que a equipe da SOGIPA estava... Quase ninguém aparecia para treinar, cheguei para o presidente e disse para ele que eu gostaria de treinar, se era possível treinar o time da SOGIPA que estava tão mal, o pessoal por causa do treinador não queria ir. Aí ele disse para mim o seguinte: “Tu? Mas tu és da mesma idade delas e tem gente mais velha que tu, como é que elas vão te respeitar?”. E ele sabia também que eu aprontava. Aí eu digo: “Não, mas eu também estou preocupada com isso. Eu vou tentar. Eu só estou pedindo permissão para tentar. Se não der, se eu ver que elas não me respeitam, eu vou ser a primeira a desistir”. Aí fiquei treze anos, desde o primeiro ano querendo largar, porque eu achava que ser treinadora era apitar o treino, dar as instruções e aquele negócio todo. E não era nada disso. Eu tinha que sair atrás de tudo que era problema, eu tinha que ir atrás de colégio para pedir licença para treinar, para jogar, para excursionar. Eu tinha que ir atrás de casas, de pais para convencer, porque a primeira coisa que tiravam das gurias de castigo quando aprontavam era tirar o voleibol. E aí a gente estava nas vésperas de campeonato, tinha que ganhar, eu tinha que resolver, se saía excursão, tinha que ir atrás de tudo, quem é que ficava no hotel, que quarto que era, tudo que era problema. É a bola, naquela época era bola japonesa, que era importada, tinha que

sair... Depois dos treinos tinha que sair atrás das arquibancadas procurando bola. Porque se não ia dar bronca, porque as bolas eram muito caras. E outra, eu digo: “Meu Deus do céu, eu não quero mais fazer isso. Isso aí é muito chato. Eu quero é dar treino, eu quero é mordomia”. Eu não tinha auxiliar nenhum. Depois eu ganhei um preparador físico, mas era muito chato. Cada viagem que eu fazia era uma tensão tremenda, porque até tudo estar no ônibus para sair, era muita confusão. E aí durante treze anos eu pedindo para largar. “Eu não quero mais”. E cheguei a largar. “Ah, mas não tem técnico”. “Tem sim, eu arrumo um para vocês”. Eu arrumei um colega meu que ficou lá, elas não foram treinar. É, foi uma confusão. No fim fiquei treze anos. Muito tempo para mim.

K.D. – E para que competições tu foste com essa tua equipe? Lembra de algumas?

M.R. – Como treinadora?

K.D. – É.

M.R. – Bom, como treinadora foi legal. Porque antes a gente não tinha né, nem dinheiro para viajar. E a gente foi a campeonato centro-sul brasileiro, que era as equipes de São Paulo, Rio, Minas, era tudo e a gente ganhou as três competições, tri-campeonato centro-sul brasileiro. A gente foi à olimpíada ABC, que era Argentina, Brasil e Chile. Ganhamos. Bi-campeonato da Olimpíada ABC. Eram os campeões. Do Brasil, Chile e Argentina. E maior, o que doeu mais foi a nossa ida para, para o Troféu Brasil de Voleibol, o primeiro Troféu Brasil. A nossa equipe tava sensacional, treinada, afinadíssima, só não tinha experiência. E era o primeiro campeonato. E a gente foi disputar no Rio. E gente ganhou do estado do Rio, que era o mais fraco, e depois tinha que jogar com o Fluminense<sup>24</sup>, e jogar com o Paulistano<sup>25</sup> que na época era campeão sul-americano. Há um ano e meio que elas não perdiam, e o Fluminense estava voltando de uma viagem ao Japão. Naquele tempo não tinha empresas, sabe, de patrocinar, era clubes mesmo. E a gente foi lá. Mal acomodadas, que estava, o lugar que nos deram, um alojamento cheio de mosquito, num colégio que acordava a gente às seis da manhã lá batucando. Bom, aconteceu o seguinte, a gente não tinha experiência, ganhou deste time do estado do Rio numa boa e foi enfrentar o

---

<sup>24</sup> Fluminense Football Club, fundado em 21 de julho de 1902

<sup>25</sup> Club Athletico Paulistano, fundado em 1900

Paulistano, que era considerado três a zero fácil, Paulistano. Ninguém até nem conhecia o nosso time, porque a gente quase nunca saía para ir pra jogar. E nós, nós ganhamos do Paulistano de três a dois. O pessoal ficou louco da vida. E não espera um pouquinho, nós jogamos primeiro com o Fluminense, que era considerado talvez o mais fácil digamos de... E ganhando fácil do Fluminense, fomos perder no saque, de nervosismo. E era a primeira partida forte que a gente ia encontrar, e assim lamentando, a gente tava ganhando de quatorze a doze no quinto set e era só dar um saque mais e ganhar e não fizemos isso. E aí três a dois todo mundo viu que foi injustiça o jogo. Tá, vamos adiante vamos jogar com o Paulistano, vamos levar uma lavada do Paulistano, só que nós ganhamos do Paulistano por três a dois. Como o Paulistano ganhou de três à zero do Fluminense, nós tínhamos que, fazer nova partida com o Paulistano para ver... Porque aí o Fluminense saiu, por sets. Perdidos. Foi fácil pro Paulistano. E aí dois dias depois nós teríamos que jogar nova partida com o Paulistano para ver quem é que seria o campeão brasileiro. Já imaginou a nossa equipe, a primeira vez que apareceu num campeonato desses? Só que, não tinha como jogar contra o Paulistano. Nós tínhamos conseguido um avião da FAB<sup>26</sup> para ir pro Rio e ele tava esperando para voltar naquele dia e nós não podíamos ficar mais dois dias no Rio. E as gurias também não podiam ficar porque elas tinham prova marcada. Nós perdemos por W.O. Mas como aqui a gente... Segundo lugar não é nada. Mas para nós foi muita coisa isso. Foi muito legal ganhar do Paulistano. Todo mundo elogiou, o Fluminense achou que estava ganho o campeonato, porque eles tinham ganho. Depois nós ganhamos do Paulistano, agora nós ganhamos do Paulistano. Isso aí é a coisa mais chata assim que aconteceu, perder por W.O. um título que podia ser assim um troço maravilhoso para nós. É uma pena! Isso hoje em dia isso não aconteceria.

K.D. – Nesse período que tu foste treinadora, tu acredita que a infra-estrutura para as equipes era melhor do que no período que tu foste atleta?

M.R. – Ah, muito, muito melhor. Antes não tinha nada, eu não tinha nada, era puro amadorismo, não que a gente fosse profissional. Mas a gente tinha mais condições. Eu comecei a pedir tudo. Eu consegui joelheira. Olha, a joelheira é um troço interessante. Ninguém jogava de joelheira em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Imagina, isso aí, isso aí pega mal, joelheira. Ou vão dizer que a gente é mascarada ou vão dizer que a gente é

---

<sup>26</sup> Força Aérea Brasileira

muito masculina para estar jogando com joelheira. E eu disse: “Pois é, então nós vamos fazer o seguinte: vocês tudo vão usar joelheira, ninguém vai falar de uma só. Vão falar de todo mundo. Vocês vão jogar de joelheira e eu quero ver todo mundo se atirando aqui”. Nunca ninguém tinha jogado de joelheira. Mas lá fora, no mundo todo, todo mundo jogava de joelheira. E uma pessoa, ainda mais mulher vai se atirar e machucar o joelho? Não! E aí começou isso aí. Deus o livre tu usar, no meu tempo de atleta, de jogadora, eu usava uma joelheira, coisa horrorosa, caía na boca do povo. Era um terror.

K.D. – Tu credita algum motivo essa mudança da época de tu ser...

M.R. – Ah, tudo evolui. Eu acho que a experiência que eu tive como atleta, eu acho que me ajudou muito nesse sentido como treinadora. A gente saía de um treino de noite, tipo nove horas, a gente tinha que pegar duas condução para ir para casa. Uma que levava até o centro e outra que levava para o bairro. Tinha pais ali que: “Não mesmo, não vai, a minha filha não vai chegar tarde em casa e ainda sozinha”. Quando eu consegui que a SOGIPA contratasse uma Kombi para levar esse pessoal para casa, os outros departamentos, todo mundo quis também. Até os homens queriam [risos]. Mas eu peguei uma turma muito boa e nesse período de treze anos que eu treinei a equipe da SOGIPA, a gente conseguiu dez anos de campeonatos consecutivos sem perder. Nunca aconteceu isso. Inclusive no juvenil que é muito mais difícil de acontecer também porque as categorias menores vão subindo de idade, no fim tu tem um ano em que elas são muito fraquinha, no outro ano melhora. A gente conseguiu campeonato adulto e juvenil, dez anos consecutivos, dos que a gente chama agora de década de ouro, a gente se reúne até hoje. A gente faz dois encontros por ano. Agora sexta-feira está fazendo uma semana, a gente se encontrou de novo. Às vezes aqui, às vezes lá fora, a turma toda aparece cheio de filho, uns já têm netos, legal!

K.D. – E os Jogos Abertos Femininos<sup>27</sup>?

M.R. – Estes eram um acontecimento no Rio Grande do Sul. Era acontecimento. O desfile era aqui. Cheio, isso aqui tudo cheio. Então todo mundo queria ganhar o título de melhor atleta, porque era só feminino. Ganhar o título de melhor atleta. Eu também queria! E o pessoal uma vez era fulano, outra vez era ciclano. E quem organizava isso aí era o

jornalista Túlio de Rose<sup>28</sup>. O Túlio de Rose hoje em dia está na boca de todo mundo, porque é onde está o shopping ali perto do Iguatemi.

R.T. – O Bourbon Country.

M.R. – É, o Bourbon Country e, se eu não me engano, é porque eles fizeram uma homenagem para o Túlio, mas sabe como é, eles pegam uma ruazinha ali bem escondida, não sei o quê, e esses dias eu ainda estava comentando, eu digo: “agora que se instalou o Bourbon Country ali, todo mundo está falando no nome dele”. E era ele que organizava. Ele era assim, um homem fanático por esportes amadores. Ele que organizava. Então todo mundo queria ganhar o título, eu às vezes eu digo, mas como é que eu vou ganhar esse título aí porque tem...

[FINAL DA FITA 48/01-A]

K.D. – [palavra inaudível] abertos.

M.R. - Isso, de melhor atleta... E aí eu disse um dia, eu disse: eu tenho que ganhar esse título aí um dia. Era considerada a melhor atleta do estado. O que eu vou fazer? Eu fui jogar punhobol, nós fizemos equipes de punhobol. Não pensa que nós treinamos, nós fomos lá para o campo, o campo era ali em cima. Isso aqui tudo ficou assim vermelho, depois ficou tudo com edema, mas ganhamos e o pessoal do União e de não sei mais quem também vinham jogar, imagina se não vão jogar! O rival nosso era o União. O que eu joguei? Inventei de jogar tênis de mesa. Eu sempre joguei ping-pong. Modéstia à parte, eu jogo bem. Agora tênis de mesa é cheio de coisa, cheio de regras que eu não sabia o que era. Fui jogar duplas e simples e consegui ganhar. Ganhei. E uma hora eu estava dando um saque esquisito lá que nem eu sabia o que era, mas o saque tinha que ser diferente. Chegou um dos juizes e disse que eu não podia dar aquele saque, que aquele saque não era assim, e aí o que eu iria fazer, eu nem sabia que saque era para dar. Eu sei que no fim deu tudo certo, eu consegui ser a melhor atleta do ano. Não me lembro, não me pergunta que ano

---

<sup>27</sup> Evento esportivo que acontecia, anualmente, em Porto Alegre entre 1954 a 1963

<sup>28</sup> Jornalista do Jornal Folha da Tarde

que foi, eu não me lembro. Mas que a Rose<sup>29</sup>, ela estava contando este dias, que a equipe, ela era do União e disse assim: “Vocês sabem montar a cavalo?”. “Ah, sabemos sim!”. Só que era para... Não sei se era para pular obstáculo. Mas diz que foi um terror. Do nosso grupo, algumas foram remar, outras foram fazer tiro, tiro ao alvo, acertaram o negócio era ali, atiraram, acertaram na tabela lá do outro lado. Mas olha, o que elas contavam que faziam. Elas faziam qualquer coisa, qualquer esporte. E era engraçado por isso. Imagina fazendo no remo, fazendo tiro ao alvo, hipismo, era muito legal. Mas depois foi decaindo, foi decaindo, decaindo e aí acabaram os jogos. Uma pena!

R.T. – E nos jogos, sempre ocorriam as montagens das equipes, era por parte do União e de vocês, sempre as meninas do...

M.R. – Todo mundo entrava...

R.T. – [palavra inaudível] vôlei e do basquete entravam assim mesmo sem ter muita experiência?

M.R. – Ah, todo mundo! Tinha alguma disputa ali, já entrava, até porque os clubes queriam pontos, eles queriam o geral. Quer dizer, tal equipe ganhou os Jogos Abertos. E tudo foi uma cópia dos Jogos Abertos da Primavera que tinha no Rio de Janeiro. E aí o jornalista Túlio De Rose, resolveu fazer isso aqui. E foi um espetáculo, entrava todo mundo, não era só Porto Alegre, era do Rio Grande do Sul. Isso aqui, só de atleta enchia esse estádio aqui. Muito legal e depois foi parando, parando, parando e nunca mais aconteceu.

K.D. – Quais eram os critérios para ser a melhor atleta?

M.R. – Quem somasse mais vitórias. Era pelo desempenho. Por exemplo: a gente foi campeã em voleibol, eu estava na equipe, a gente foi campeã no basquete, eu estava na equipe, eu fui campeã de tênis de mesa. Naquela época também se fazia o lance livre, hoje em dia não tem mais esse negócio de lance livre. Eu fui lá e fui a que mais fiz. No fim eu acumulei mais pontos para ser a melhor atleta. E também fiz prova de atletismo, qualquer

---

<sup>29</sup> Nome sujeito a confirmação

coisa assim. Consegui.

K.D. – O que eu li sobre os Jogos Abertos Femininos, falava de uma grande participação de cada, cada vez que acontecia, do primeiro, dos primeiros jogos, pro segundo, cada vez mais clubes, cada vez mais moças...

M.R. – Cada vez tinha mais inscrições, vinha gente do interior. Precisava ver o desfile aqui, o desfile que sempre tinha no início da programação. Então tinha o desfile de todas as, como se fosse uma Olimpíada. Precisava ver o que tinha de gente aqui. E era só feminino. E era uma... Agora a cobertura que a Folha da Tarde dava e a Folha Esportiva, ajuda muito. Hoje em dia o pessoal já fica mais em casa vendo TV, pode ver um jogo na TV. Mas eu digo, o que levava as pessoas a ir naqueles jogos nossos, a lotar ginásios, mas eu fiquei pensando assim, a gente não tinha mais nada para fazer. Ou tu ia num cinema. Mas não tinha televisão, não tinha nada disso. Mas vocês olhando ali os recortes, vocês vão ver que baita cobertura. O espaço que eles nos davam. Hoje em dia nenhum jornal dá esse espaço.

K.D. – Tu acredita que os Jogos Aberto Femininos deixaram, modificaram alguma coisa quanto ao esporte feminino em Porto Alegre? Incentivaram...

M.R. – Claro, muita gente, eu acho, eu acho. Uma pena que não foram... Eu não sei te dizer quantos anos que durou, viu, mas foi assim a maior movimentação esportiva, a maior competição esportiva que teve, foi aqueles jogos. Talvez se eles fizessem, tentassem fazer isso agora seria uma maravilha, viu. Agora precisaria de espaço na mídia. Uma firma, daqui a pouco, uma empresa que quisesse isso, mas que contribuiu, contribuiu. Muita gente que nem fazia esporte nenhum vinha competir, pelo prazer de participar do negócio, porque qualquer mulher podia se inscrever. E como eu contei para vocês, daqui a pouco não precisava nem saber nada daquele tal de esporte, eu jogava ping-pong, fui jogar tênis de mesa! Sabe, a gente no fim vai descobrindo.

R.T. – Era mais por motivo de vocês era participar, era...

M.R. – Ah, era! Não, e a gente tinha um compromisso com a SOGIPA. A rivalidade de que

a gente tinha que ganhar. Não era só no individual que eu queria uma vez ganhar, tu entende? Por isso que eu me metia em tudo, porque normalmente eu não me metia em tudo, eu digo: “porque que eu não posso ser a melhor?” Então vou escolher os esportes. E consegui. Mas a motivação maior era o clube. A motivação maior mesmo era a rivalidade SOGIPA e União, o resto era assim tipo alguém ganhar uma prova, alguém do interior se destacar, mas contribuiu, muito, muito, muito. Agora está tudo tão parado. Hoje em dia tu pega um jornal, se tu quiseres ir num jogo, tu não acha nada daquele jogo, por exemplo, se hoje for... Esses dias eu peguei o jornal, a SOGIPA ganhou de um time de Canoas e ficou campeã metropolitana de vôlei feminino adulto. Eu nem sabia quem era esse time de Canoas, nem sabia que tinha jogo, quando eu fui perguntar por aí ninguém sabia, eu tive que perguntar para o pessoal do clube me explicar como era.

K.D. – Tu nos falaste da vida social, e como era no clube, assim?

M.R. – Como social que tu fala, fora os esportes? A participação?

K.D. – É.

M.R. – Eu nunca participei muito, porque eu nunca gostei de vida social, para mim esporte era tudo.

R.T. – E final de semana, vinham pro clube?

M.R. – A gente vinha até porque nos chamavam para cá para treinar um pouquinho aqui no atletismo para poder ganhar as competição de atletismo, fazer algum pontinho. Mas o clube, tinha muita gente que participava dali da social do clube, inclusive nós temos uma ex-atleta minha que foi eleita a Rainha do Centenário em 67. E ela continua sendo. Até vamos ver. Ela vai ser, essa aí sempre participou. Hoje em dia quando tem uma festa na SOGIPA, ela recebe porque ela faz aniversário no dia da SOGIPA também, no dia dez de agosto.

K.D. – Quem é ela?

M.R. – Irene Bertchier<sup>30</sup>. E é uma pessoa, é uma pessoa que seria assim, comparar ela sabe com quem? Com a Ieda Maria Vargas<sup>31</sup>. Foi naquela época mais ou menos. Se ela participasse de concursos que naquela época eram muito importantes que eram a Rainha das Piscinas e não sei o que, depois passava Miss Porto Alegre, Miss Rio Grande do Sul, ela ganharia, só que o namorado dela na época, *não deixou*. E ela hoje em dia está separada dele. Ele não deixou, ele só deixou ela ser candidata a Rainha do Centenário da SOGIPA, porque não era desfile de maiô. Então, mas era só. E a Irene ganhou disparado. E a Irene era minha atleta também de voleibol e ela continua com o título até hoje.

K.D. – Era comum ter concursos de beleza vinculado às competições?

M.R. – Não! Eu não me lembro. Eu não me lembro nem se nos jogos também tinha assim tipo a rainha dos jogos, não sei. Acho que não tinha, não me lembro disso, não me lembro. Tinha na SOGIPA sempre que estive, que era aquelas festas de encerramento, que se faziam bailes, acho que até hoje tem. Mas tinha aquelas pessoas assim que freqüentavam muitos bailes da SOGIPA também, que naquele tempo era ali na Alberto Bins. E tinha aquelas outras que nem ligavam muito porque trabalhavam a semana inteira e de noite vinham jogar todos os dias, quando chegava sábado e domingo ainda tinha que vir aqui pra treinar ou competir no atletismo, não dava tempo. Mas tinha gente que vinha sim, que não perdia.

K.D. – Tu nos falaste bastante das tuas convocações para Seleção Brasileira. E Seleção Estadual tu integrou?

M.R. – Eu sempre participei das seleções gaúchas e sempre fui capitã.

K.D. – De que modalidade?

M.R. – Voleibol. Voleibol e basquete. Era tudo sempre a mesma coisa, chegava, fazia vôlei e fazia basquete. Tinha vezes que eu de um... A gente saía de um campeonato de voleibol já entrava pro Brasileiro de Basquete, era muito cansativo. Hoje em dia não aconteceria

---

<sup>30</sup>Nome sujeito a confirmação

<sup>31</sup> Gaúcha, eleita em 25 de julho de 1963, aos 18 anos, Miss Universo

isso, eles nem deixariam fazer isso. O pessoal acha que prejudica, e prejudica mesmo! Eu acho que te dá muito mais facilidade de te adaptar a um esporte, por exemplo, eu jogava vôlei. Eu já tinha meio caminho andado. Eu olhava as partidas de basquete e ficava imaginando se eu faria a mesma coisa, mas não tinha a idéia de um dia jogar basquete, até que resolveram. Aí eu peguei uma bola e fui para uma cesta, e eu digo: “Eu vou ver se eu faço aquele piquezinho que dá para fazer a cesta, se eu sei fazer”. E eu sabia fazer. Eu sabia, só de olhar. É que tu já és atleta daí. Agora tu fazer e te fazer bem, tu tem que fazer um só. Dois não dá. Tinha gente que fazia três, a Margot<sup>32</sup> fazia três: vôlei, basquete e atletismo. Não tinha mais gente também.

K.D. – As tuas amigas eram as gurias do clube? Do time?

M.R. – Eram, eram, eram! Até hoje as minhas amigas são as da equipe que eu dirigi. Sempre fui ligada ao esporte! Sempre, sempre, sempre! Só que quando eu parei, todo mundo achou que eu fosse jogar nas veteranas. Nunca tive vontade, nunca tive vontade. Daí queriam que eu fosse treinadora das veteranas, eu digo: “Deus o livre ser treinadora de vocês, já larguei porque eu já me incomodei bastante, agora vou pegar quando vocês tão naquela idade pior ainda”. É mesmo, elas estão veteranas e estão brigando. E é aonde elas brigam agora, isso devia ser por recreação. Brigam porque uma não sei o que, a outra joga menos e está de titular e a outra, técnico nenhum pára. Mas a gente se reúne sempre, é um troço legal, muito bacana.

K.D. – O que era comum as atletas se afastarem da equipe por casar...

M.R. – E isso acontecia, mas eu não deixava, muita gente deixou. Muita gente que eu não via há anos que eu não vejo mais. Mas quando eu fui treinadora eu me preocupei com isso também tipo assim, vinha jogar gente às vezes do União, que não tinha vínculo nenhum aqui com a SOGIPA, gente que morava lá do outro lado da cidade, tu entende? Eu digo, eu vou fazer essa turma se apegar a esse grupo. Vou fazer. Então eu procurava fazer... Olha, eu tirei até dinheiro do bolso, eu e outros diretores que tinha aí para as pessoas... Tinha gente que não tinha dinheiro para pagar a condução para vim para SOGIPA. Tinha gente que não tinha o dinheiro para levar numa excursão, a gente dava um jeito. E, eu sempre me

---

<sup>32</sup> Margot Martha Ritter da Costa

preocupei com o seguinte, que conforme o número de vitórias ou pontos, a atleta fica laureada aqui na SOGIPA, e a láurea é um troço muito legal que eu acho, porque prende, pode não prender quando ela ainda não tem a família. E hoje em dia eu vejo como isso está legal, pessoas que vieram do União, gente que eu peguei lá de Gravataí<sup>33</sup> para jogar, está aqui nas veteranas, com as filhas. As filhas jogando punhobol. Gente que mora do outro lado da cidade não perde aqui as nossas festas, os encontros nossos. Então eu acho assim que vale a pena, com pessoas que estão usando o clube, que agora os filhos estão usando, estão até jogando também. Eu sempre fui assim, muito de trazer aqui para o grupo, acho legal isso, e elas estão tudo aí nas veteranas. Hoje em dia eu nem conheço direito as... “Essa aqui é a minha filha, te lembra dela?”. A filha está comprida, agora, a novidade agora é quando alguém tem neto, é muito legal!

K.D. – Tu tens esse pertencimento pela SOGIPA e pelo teu clube.

M.R. – Tenho, eu sempre tive! Porque é o seguinte, eu achava o máximo jogar na SOGIPA. Nem que eu ficasse no banco, eu queria jogar na SOGIPA. Que legal, que legal! Aquela coisa de gente do interior. Mas acontece que antes eu vim trabalhar aqui a convite do presidente, vim trabalhar, queria trabalhar na SOGIPA também. E o presidente queria continuar aquela tradição de um antigo boletim, uma revistinha que a SOGIPA tinha e ele queria fazer voltar isso. E eu tinha uma coluna no Jornal Última Hora<sup>34</sup>, todos os dias, lembrei disso agora, eu tinha uma coluna com a minha fotografia. A minha fotografia, como é que era o nome? Por trás dos bastidores, uma porcária de nome, mas não fui eu que inventei, eles que inventaram. O Última Hora era o jornal que a Zero Hora<sup>35</sup> continuou. O Última Hora foi fechado no tempo dos rolos lá da ditadura, e depois disso, saiu a Zero Hora. Então eu tinha o meu nome aqui, era o meu nome, a minha foto aqui, e era uma coluna só de fofoca, *só sobre esporte!* O que eu me incomodei com aquilo! Podia o esporte ser futebol, os caras me traziam da redação me traziam umas fofoca, e eu botava e depois me incomodava. Uma vez disseram que um jogador, “Bota aí que o jogador de futebol” - um cara conhecidíssimo. “Eu encontrei o cara e ele vai casar, porque ele estava com a noiva procurando apartamento”. E a burra aqui botou. Só que ele não estava com a noiva, ele estava com outra pessoa. E a burra ia, nas conversas aqui. E eu sei que eu fiquei, depois

---

<sup>33</sup> Cidade localizada na região metropolitana, a 22km de Porto Alegre

<sup>34</sup> Jornal fundado em 1951

fechou o jornal, e eu digo: “E agora? E aí o presidente disse para mim: “Vem para cá que eu quero que tu faça uma revista, que eu quero recuperar essa revista para”. E eu comecei a fazer. E aí eu comecei a me apaixonar pela história do clube. Porque eu tive que vir atrás, porque não tinha nada ali que eu pudesse me guiar. E eu tive que ir atrás, ir atrás de sogipanos antigos, tive que ir atrás de atas, atas às vezes que tinha alemão, em gótico. Eu nem sei alemão, imagina em gótico ainda. Eu tinha que ir atrás de alguém. E eu fui assim, eu fui me apaixonando pelas coisas que eu vi, que eu fiquei sabendo do clube, e ainda peguei muito na SOGIPA. Sei muito, muitas vezes o pessoal vem perguntar as coisas aqui para mim, por exemplo, o estádio da SOGIPA, quando eles fizeram esse estádio, demorou muito mais do que devia demorar porque tava cheio de rochas, tiveram que dinamitar, demorou muito mais. Com essas rochas eles fizeram as arquibancadas, e o que sobrou dessas rochas eles fizeram a fundação do Hospital Santo Antônio. Eles doaram. Esse Santo Antônio que agora está em outro lugar. Coisas assim sabe, como é que era a piscina da SOGIPA, era lá na beira do Guaíba, a piscina pegou fogo, eu nunca vi uma piscina pegar fogo! Mas assim, os sócios, os veteranos que carregaram uma pedra que vocês viram por ali, uma vez eu fiz uma matéria com eles, eu fiquei encantada com a história, fiquei encantada! Aí eu fiquei sabendo da SOGIPA toda, de toda a tradição, de tudo. Eu fiquei durante trinta e três anos eu fiquei de secretária da presidência e depois me aposentei. É um tempão.

K.D. – E vínculo com o esporte tu mantém hoje?

M.R. – Nenhum!

K.D. – Só com a SOGIPA?

M.R. – Só com a SOGIPA! Só com a SOGIPA! Eu venho para cá, eu almoço aqui, aí vou pra biblioteca, vou ler as coisas tudo, depois vou ali ainda no instituto ou então vinha se reunir num outro lugar, mas sei que numa hora, todos os dias eu tenho que passar por aqui, nem que seja só no almoço. E fica pertinho. As pessoas dizem: “Eu não te entendo, trabalhou todos esses anos aqui tu ainda vem aqui”. Não, mas isso aqui não é o meu emprego, aqui é o meu clube, assim como eu me encontro todos os dias com o pessoal. A

---

<sup>35</sup> Jornal de Porto Alegre

Rose está ali todos os dias, a Karin<sup>36</sup> está ali todos os dias, as minhas ex-atletas tão tudo ali. Isso aqui é o clube, não é o meu emprego. Nos antigos empregos eu nunca mais apareci. Pois aqui é a minha casa quase. Eu gosto.

K.D. – Magda, eu só tenho a te agradecer...

M.R. – É só isso?

K.D. – Se tu quiseres continuar falando. [risos]

M.R. – Não tenho nada! Foi legal.

K.D. – Então eu diria assim, por enquanto eu agradeço e gostaria de contar com a tua disponibilidade.

M.R. – Eu estou à disposição, eu estou à disposição. Eu só gostaria que vocês olhassem com calma aquilo ali, se vocês quiserem levar, se vocês me garantem que me entregam direitinho. Porque vocês vão ter uma noção do que foi aquela época.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

K.D. – Sobre o campeonato brasileiro, nos fale um pouquinho...

M.R. – Eu estava recém na SOGIPA, eu era banquinho da SOGIPA, quando saiu esse campeonato em 1952. Num ginásio que fica nos fundos do Colégio Batista Americano. Um *grande* campeonato, que eu não sei até hoje como é que fizeram aquele campeonato ali, porque nunca vinha ninguém. Era tudo as arquibancadas, eles fizeram as arquibancadas provisórias de madeira, tudo ficava em cima da quadra. Eu participei daquele campeonato porque nas partidas preliminares eles pegaram a equipe nossa, a reserva nossa da equipe, para jogar assim partidas amistosas. Então a gente ganhava de Santa Catarina, fazia aquele jogo, a gente ficava realizada porque tava jogando contra seleções e ainda estava sendo assistidas por um baita público. Mas não tinha mais lugar para ninguém! Então lá pelas

---

<sup>36</sup> Karin Ingrid Süffert de Cordal

tantas vinha o pessoal do Rosário<sup>37</sup> e do IPA<sup>38</sup>, que era uma rivalidade muito grande, aí eles começavam a brigar. E um dia lá no microfone os caras disseram que tinham que desocupar as arquibancadas senão ia tudo abaixo. Isso foi assim um acontecimento no voleibol, no esporte do Rio Grande do Sul em 1952, foi um baita campeonato. E eu me lembro bem da seleção masculina e feminina da SOGIPA, que no fim não conquistou nenhum título, mas foi um campeonato muito bacana. E até hoje quando eu passo na frente do colégio, eu fico perguntando se existe aquele ginásio ainda. Como é que foi realizado? Mas se foi realizado um campeonato de basquete feminino brasileiro, numa quadra aberta de cimento, ali na Alberto Bins, eu acho que daí pode acontecer de tudo. Mas foi muito legal! E o treinador da seleção, eu até treinei naquela seleção. Eu fui convocada para seleção, treinei e o treinador na época era o Godoy Bezerra, Manoel Augusto de Godoy Bezerra. Morreu agora há pouco, fizeram uma homenagem para ele. E no final, quando teve que fazer os cortes eu fui cortada, mas foi a coisa mais incrível, eu não achei assim que eu fiquei chateada por ter sido cortada, porque eu recém estava começando e eu achei assim que ser convocada para seleção gaúcha de vôlei, com tão pouca experiência, tinha sido já o máximo para mim, mas que na outra, na outra que seria em 1954, no ano dos 400 anos, do quarto centenário de São Paulo, lá em São Paulo, que naquela eu estaria, foi aí que a Diva<sup>39</sup> também começou a treinar a partir dos dezesseis anos e eu tinha um pouco mais.

K.D. – Era de dois em dois anos?

M.R. – Dois em dois anos. E ali eu era titular da seleção gaúcha. Foi legal!

K.D. – Quais eram os estados mais fortes?

M.R. – Ah, sempre os mesmos! Ficava o voleibol ficou sempre entre São Paulo e Rio e Minas. Isso o voleibol. E a SOGIPA tirava, a SOGIPA, a seleção gaúcha, era assim, quarto lugar, sempre, terceiro no máximo. No basquete, no basquete também a mesma coisa, Minas, Rio, São Paulo e quem tinha uma equipe muito forte uma época era o Paraná. Mas no mais também, o Rio Grande do Sul entrava em terceiro, quarto lugar, se bem que no

---

<sup>37</sup> Colégio Rosário

<sup>38</sup> Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul

basquete a gente não tinha tradição nenhuma. A gente começou quando o basquete já estava lá em cima e a gente não sabia nada, mas conseguimos tirar um vice-campeonato no basquete feminino.

K.D. – Em 58 teve um sul-americano de vôlei em Porto Alegre?

M.R. – Teve.

K.D. – A Cristiane jogou?

M.R. – Cristiane Kuntz, que mora nos Estados Unidos.

K.D. – Tu assististe esta competição?

M.R. – Assisti, assisti! Está aqui, acho que é isso aqui, não foi? Eu vou te dizer mais, essa seleção brasileira deu um show no sul-americano. E aí, eu não sei se era pra agradar o povo gaúcho, aquele negócio todo, resolveram fazer uma partida da SOGIPA contra a seleção. E foi aí que o meu nome foi lembrado para seleção brasileira, porque estava ali o técnico, tudo. E as grandes cortadoras da seleção brasileira, eu bloqueava modéstia a parte muito bem. Não porque eu saltasse mais alto ou qualquer coisa, mas sabia o tempo de subir numa bola, que eu acho muito importante. E elas todas, mulher alta, de fama, que cortava, não sei o que, e eu além de estar jogando direitinho eu não deixei passar nada, eu bloqueei elas sempre! E uma delas, que foi considerada a melhor do campeonato ele teve que tirar, porque ela, além de bloquear ela sempre, lá pela quarta, quinta vez ela resolveu colocar a bola e botou na rede, aí ele tirou ela. E aí me disseram, eu estava sentada no banco com o treinador, essa pessoa que me falou, estava sentada ao lado dele e vi quando ele anotou o teu nome para seleção. Mas eu nunca cheguei a ser convocada, eu era levantadora. Levantadora é difícil. A mesma coisa que no basquete, quem faz bastante cesta. Ah, eu esqueci de dizer uma coisa. Eu sempre fui cestinha de todos os campeonatos que eu tenho um recorde que eu acho que não foi batido ainda, de maior número de cestas, de pontos numa partida só. São 53 pontos numa partida de basquete. Ainda tem, acho que ainda tenho esse recorde. Foi contra uma equipe fraca, mas quem é que não faz esse número de

---

<sup>39</sup> Diva Santiago Corrêa

pontos contra uma equipe fraca. Mas eu acho que ninguém bateu esse recorde ainda. Mas foi legal, mas acho que ninguém sabe também.

K.D. – Foi registrado aonde?

M.R. – Não foi registrado, eu tenho um recorte, não sei se a federação tem, mas eu tenho um recorte e deve estar por aí, e está no livro da SOGIPA também. Que em tal data, o jogo SOGIPA e Piratas, que era o meu ex-time, que eu tinha registrado 53 pontos, que era o recorde. Acho que ninguém bateu, em todo caso foi legal. É isso?

K.D. – Obrigada de novo!

[FINAL DO DEPOIMENTO]